



HAL
open science

Estruturas e Interação Social (Unité d'enseignement)

Michel Binet

► **To cite this version:**

Michel Binet. Estruturas e Interação Social (Unité d'enseignement). Licence. Licence de Travail social, Lisbonne, Portugal. 2023, pp.48. <hal-04497486>

HAL Id: hal-04497486

<https://hal.science/hal-04497486v1>

Submitted on 10 Mar 2024

HAL is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.



HAL Authorization



UNIVERSIDADE LUSÍADA DE LISBOA

Programa da Unidade Curricular
ESTRUTURAS E INTERAÇÃO SOCIAL

Ano Lectivo 2023/2024

INTRODUÇÃO DA ANÁLISE CONVERSACIONAL DA FORMAÇÃO INICIAL DE ASSISTENTES SOCIAIS

SUMÁRIOS

19/09/2023

O nome da UC : « Estruturas » e « Interação social »

« Macro » <---/ links - ligações - articulações /---> « Micro »

O Eu e a Sociedade

Uma tensão paradoxal

« Micro » <---/ links /---> « Macro »

O Eu : singularidade – ipseidade – sujeito : Cada um de nós é um ser singular

A singularidade de cada ser humano levanta um desafio para as ciências sociais e humanas

Serviço Social : como construir relações de ajuda com seres que são absolutamente singulares

O sujeito é um ser que se produz a si mesmo : autoprodução / autoformação / autofundamentação

« *Penso logo existo* » (Descartes) : não há pensamento sem sujeito pensante, que se autoconstrói na e pela sua atividade cognitiva

A inteligência como condição de possibilidade da constituição de um « sujeito », autoconsciente da sua própria existência e agência (capacidade de ação)

Cada um de nós é absolutamente livre e responsável (Sartre) : cada um/a é um ser capaz de se auto-observar, de se autoquestionar, de se autogovernar e de se autoresponsabilizar, e isso, pelo facto de ser um ser inteligente e racional

Esta autoresponsabilidade é observável nas interações sob a forma de práticas de autojustificação racional (*accountability*)

«Um dos aspetos trabalhado na abordagem interacional é a prestação de contas, ou *accountability* (Buttney, 1993; Robinson, 2016), definida, aqui, como a fundamentação argumentativa e a ratificação intersubjetiva da racionalidade de uma decisão, ou, dito de outra forma, como a explicitação e o reconhecimento pelos próprios interactantes das boas razões que fundamentam e justificam, emicamemente, aos seus próprios olhos, as suas decisões. A validação intersubjetiva de decisões é uma parte importante da co-construção da profissionalidade de cada um em contexto de interprofissionalidade, estabelecendo a co-pertença a uma comunidade cognitivo-moral de razões partilhadas (Binet, 2013a, p. 141 & p. 390). Esta atividade sociocognitiva multifacetada é parte integrante de uma construção interacional da racionalidade da ação local e do contexto organizacional em que ocorre. O objeto de estudo que o conceito de *accountability* permite recortar e analisar na trama das interações (Banks, 2002; Matarese & Caswell, 2014) é, portanto, de importância fundamental, como refere Coulter (1979, p. 9; trad. dos autores): “*A inteligibilidade mútua da conduta humana é um dos mais significativos traços da existência socialmente organizada*”» (Monteiro, Binet & Brás, 2021: 138-9).

MONTEIRO, David; BINET, Michel; BRÁS, Oriana Raínho - Justificando decisões em cuidados paliativos : Uma prática interprofissional. **Intervenção Social**. 57/58 (2021) 133–148.

Link : <http://revistas.lis.ulsiada.pt/index.php/is/article/view/3107>

«Accountability is an integral feature of everyday as well as professional life. (...) It is not just that we must be prepared to describe, explain or justify what we have done in order to be apportioned moral praise or blame, but 'giving an account' is an essential feature of our means of communicating with others, being understood and establishing our identities (Buttyn, 1993; Heritage, 1983)» (Banks, 2002: 29).

BANKS, Sarah - Professional Values and Accountabilities. In ADAMS, ROBERT; DOMINELLI, LENA; PAYNE, MALCOLM (Eds.) - **Critical Practice in Social Work**. Basingstoke : Palgrave, 2002. p. 28–37.

Realizo actos que encaro como sendo « meus », ou seja, como « actos » pelos quais posso e devo responder perante outrem e perante mim próprio

Filosofia do sujeito : dimensão ética : Não há ética possível sem sujeito que se autodesigna como « Eu », um « Eu » actor, agente, decisor

Autoconsciente, auto-observador de si próprio, o « Eu » tem uma *vivência subjetiva na 1ª pessoa*, que é um objeto de estudo fundamental para as ciências humanas (um *objeto* de estudo e um *meio* de estudo : o *sujeito* observado é estudado por um *sujeito* observador)

Redigir uma boa dissertação : guiar o leitor, sinalizando as mudanças de orientação argumentativa :

1) **Primeira orientação argumentativa** (que aponta para uma certa tese ou conclusão)
: **O sujeito é um ser que se produz a si mesmo : autoprodução / autoformação / autofundamentação**

Reorientação argumentativa

2) **Segunda orientação argumentativa** (que aponta para outra tese ou conclusão)
: **Mas, etimologicamente, « subjectividade » está ligado a « sujeição », « submissão »**

O sujeito como ser dominado por desejos que não controla : o *inconsciente* em psicanálise

Opacidade do sujeito aos seus próprios olhos : não alcanço plena consciência dos meus actos e respectivas motivações

O sujeito se autoproduz por meio de uma língua que preexiste ao seu nascimento (Cf. Jacques Lacan)

LACAN, Jacques - Fonction et champ de la parole et du langage en psychanalyse (1953). **La Psychanalyse**. 1. (1956) 81–166.

Conceito lacaniano de « parlêtre » : um ser determinado e construído pela língua que fala ; um ser dito, definido, falado pela língua que usa, língua plena da presença de outrem e das suas pré-construções : Ocupo um lugar pré-definido muito antes do meu nascimento

A sociedade é anterior ao nosso nascimento

«(...) *la culture était dans sa famille avant qu'il y naquît ; ainsi naître dans sa famille o u naître dans la culture, c'est tout un*» (Sartre, 1972: 30).

SARTRE, Jean-Paul - **Plaidoyer pour les intellectuels**. Paris : Gallimard, 1972

«GARCIN : (...) tous ces regards sur moi. Tous ces regards qui me mangent...
(...) Pas besoin de gril : l'enfer, c'est les Autres» (Sartre, 2000 [1944]: 93). [Peça de teatro]

SARTRE, Jean-Paul - **Huis clos (1944) , suivi de Les mouches**. Paris : Gallimard (Folio), 2000

O ser humano é *criatura* e *criador* da cultura : uma tensão : Não se pode deixar cair nenhum destes dois termos

O sujeito não se desenvolve num deserto, mas, sim, num mundo organizado por estruturas, que interiorizo e reifico, totalmente ou não... (tensão)

« **Sou o que eu faço com o que os outros fazem de mim** » (Sartre) : Nesta excelente formula sartriana, ambos os termos da equação são mantidos em tensão

Exemplo | Sou membro do campo académico, organizado por estruturas que hierarquizam as pessoas com base nos seus graus académicos [Cf. Pierre Bourdieu, *O racismo da inteligência*] : o que faço com isso ? Reifico, coisifico estas estruturas e as classificações e desclassificações que delas resultam, no meu olhar sobre mim próprio e sobre os outros ? Desconstruo e relativizo a relevância destas categorias, recusando construir integralmente as minhas relações com base nelas ? Será que sou capaz de me entusiasmar com a relevância e o alcance de uma intervenção de um « aluno » que não é « doutor », nem sequer, oh escândalo ! [escandaloso, do ponto de vista da *Hierarquia da credibilidade* (Howard Becker) reificada no olhar de quem tem a mente colonizada pelas estruturas académicas, sou seja, pelo racismo académico : ao me exclamar « oh escândalo ! », estou a ser irónico...], « licenciado » ?

«In 1967 Howard

Becker wrote an article that became a clarion call to sociology, his presidential address to the Society for the Study of Social Problems. It was entitled "*Whose Side Are We On?*" and reminded sociologists that pretensions to value neutrality were themselves value laden. He argued that we must choose to recognize that all perceptions are located in a hierarchy of credibility.

In other words, people consider the source of any statement or perception, and discount those produced by lower-status people» (Star, 1995: 1).

STAR, Susan Leigh - Introduction. In STAR, SUSAN LEIGH (Ed.)

- **Ecologies of Knowledge: Work and Politics in Science and Technology**. Albany : State University of New York Press, 1995. p. 1–35.

Reificar, coisificar | Atribuir um estatuto ontológico às categorias inerentes às estruturas : ter a ilusão que estas categorias são evidentemente, obviamente, inquestionavelmente "reais" ; são partes integrantes da "realidade", e, portanto, indubitavelmente existentes e relevantes, ignorando que, ao reificar / coisificar estas categorias, sou co-produtor ativo desta « realidade » que encaro como exterior a mim ; que sou co-construtor de um mundo social organizado e estruturado com base nestas categorias tornadas "reais" por mim, através dos meus discursos e das minhas ações

BOURDIEU, Pierre - O racismo da inteligência (1978). Em **Questões de sociologia** (1984). Lisboa : Fim de Século, 2003. p. 277–281.

Um diploma não é ou não deveria ser uma « licença para menosprezar outrem » (Alain, filósofo)

A minha capacidade em ouvir e valorizar o que diz um "aluno", um "utente com pouca escolaridade", uma "pessoa com deficiência", ou seja, um sujeito falante que ocupa uma posição "baixa" nas estruturas do campo académico, contribui para emancipar este sujeito destas estruturas. Pela minha adoção de uma postura de escuta ativa, que leva a sério **a reivindicação de autoridade epistémica** (« *sei o que digo* » ; « *sei do que estou a falar* ») **instanciada por toda a fala (que me é endereçada ou que endereço a outrem)** [Ponto muito importante, a retomar], eu emancipo outrem. A minha escuta empodera e emancipa outrem. Escutar é uma ação, uma microprática ético-política realizada na trama das interações (Binet, 2015). Isso é muito importante e relevante em Serviço Social.

BINET, Michel - Deficiência intelectual, Auto-representação e Empoderamento da fala-em-interação: Conquista e manutenção de Direitos interacionais. Em **II Simpósio Internacional EDiSo « Estudos sobre Discurso e Sociedade »**. Universidade de Coimbra : EDiSo, 2015

É nas micropráticas (ex.: as formas de trato : « Professor Doutor Michel Binet » / « Michel » / etc.) que a igualdade se constrói ou se destrói.

Esta aula : Estruturas e micropráticas

Jean-Paul Sartre foi fenomenólogo (*ênfase na subjetividade individual*) e marxista (*ênfase no peso das estruturas*)

«*L'important n'est pas ce qu'on fait de nous mais ce que nous faisons nous mêmes de ce qu'on fait de nous*» (Sartre, 1952: 63).

SARTRE, Jean-Paul - **Saint Genet, comédien et martyr**. Paris : Gallimard, 1952

Leitura recomendada : BUZNIC-BOURGEACQ, Pablo
- **Prendre en compte le sujet : Enjeux épistémologiques et défis méthodologiques pour les sciences humaines**. Nîmes : Champ social, 2020

20/09/2023 (Troca)

[Eu] sou _____ : as nossas identidades são autoconstruídas por "auto"definições categoriais

"Auto" (em *autodefinições*) entre aspas, na medida em que as categorias que mobilizo para autodefinir a minha identidade, perante mim próprio e perante os outros, são importadas de uma língua cuja existência é muito anterior ao meu nascimento.

Para me autodefinir, falo uma "língua estrangeira", uma "língua de outrem", uma "língua repleta de palavras, categorias definidas por outrem", logo as minhas "autodefinições" são "heterodefinições"

Auto (em *autoconstruções*) sem aspas, na medida em que, contrariamente a um “objeto inanimado”, cuja “realidade” é independente de qualquer auto-identificações do objeto por si próprio, um sujeito, participando ativamente na construção de si próprio, tem uma “realidade” autoconstruída por meio de autodefinições identitárias, que mobilizam categoriais socialmente definidas, pertencentes a uma dada cultura

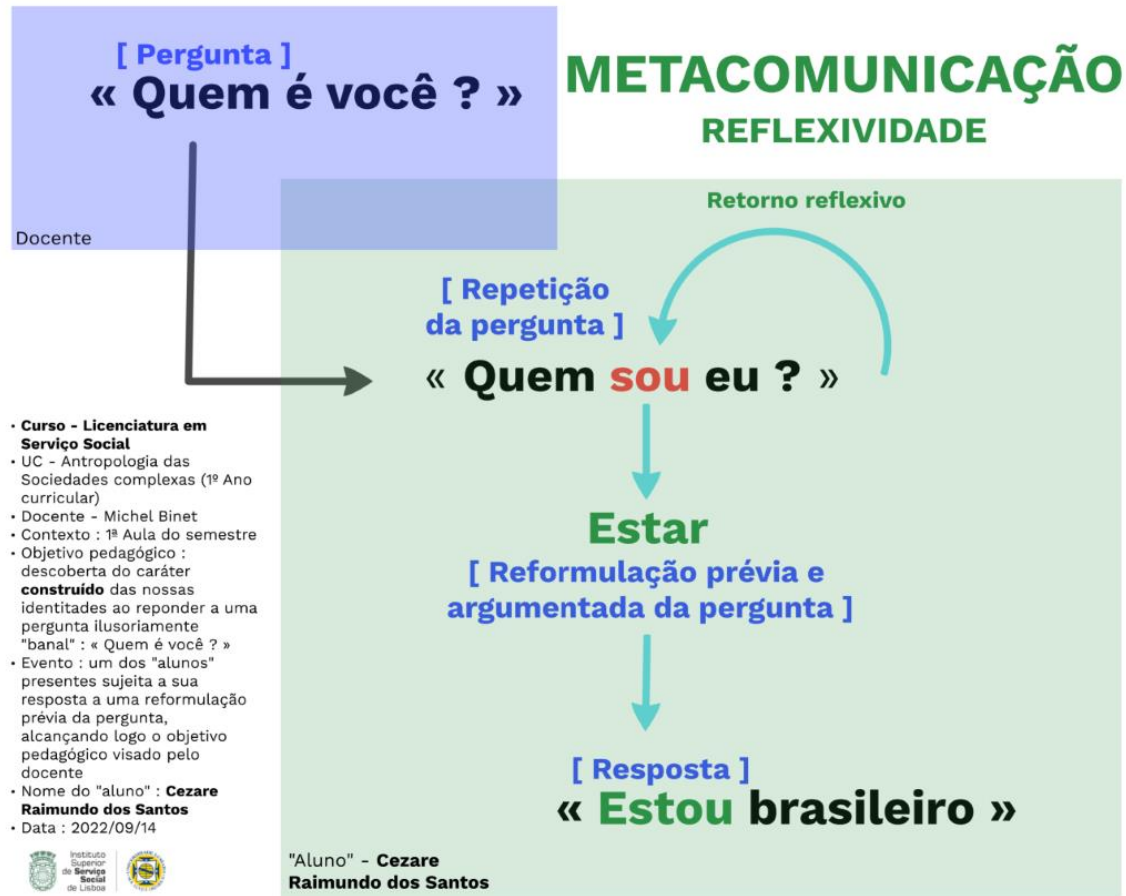
Cf. Jacques Lacan

«Le discours rencontre le discours d'autrui sur tous les chemins qui mènent vers son objet, et il ne peut ne pas entrer avec lui en interaction vive et intense. Seul l'Adam mythique, abordant avec le premier discours un monde vierge et encore non dit, le solitaire Adam pouvait vraiment éviter cette réorientation mutuelle par rapport au discours d'autrui, qui se produit sur le chemin de l'objet» (Bakhtine ; cit. par Todorov, 1981: 80-81).

TODOROV, Tzvetan - **Mikhaïl Bakhtine : Le principe dialogique ; Suivi de Écrits du Cercle de Bakhtine**. Paris : Seuil, 1981

Somos seres em construção ; as nossas identidades nunca são construções acabadas, mas, sim, construções inacabadas, « construções em curso de construção »

Em vez de um único verbo (em inglês (*to be*), francês (*être*), alemão (*sein*), etc.), o português tem dois verbos (« ser » e « estar »), o que facilita a tomada de consciência desta nossa condição de « seres em construção ».



« Estar » : estado transitório, flutuante, provisório, precário, sujeito a mudanças..

Pano de fundo de saberes partilhados

A situação

20/09/2023

Semântica estrutural

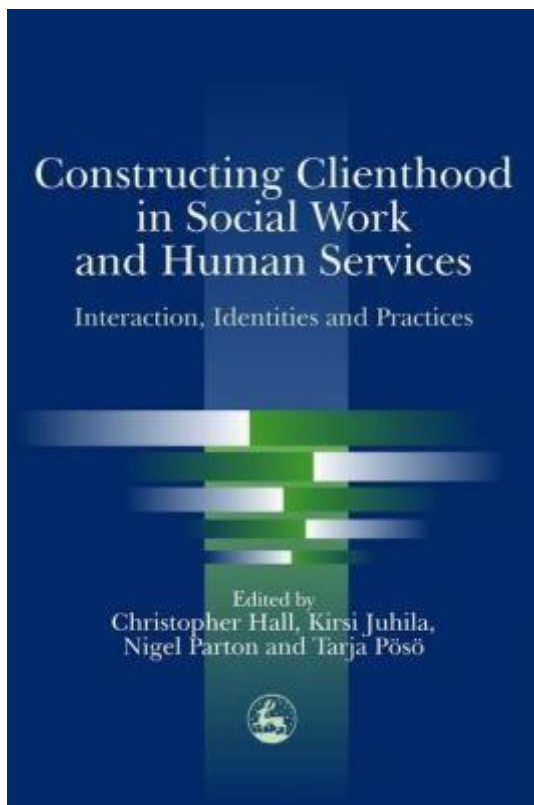
As categorias têm uma dupla existência, na língua e na sociedade, ou, melhor dizer, uma tripla existência, na língua, na cognição (de cada um) e na sociedade.

Sociologia cognitiva

O trabalho de autocategorização identitária não é efetuado só e exclusivamente pela fala, mas, sim, também, por outros comportamentos (não envolvidos na ação de falar vocalmente). Ex.: entrar numa sala de aula e escolher o lugar onde se sentar.

Os « campos sociais » são delimitados pela área de abrangência e aplicação de um sistema categorial específico

Apresentação de um livro : « *o que os assistentes sociais fazem de ti ?* »



Our «(...) interest is turned to the everyday practices of social work in which client categories are produced, maintained, modified and broken» (Hall et al., 2003: 13).

«*Social constructionism, especially in the ethnomethodologically tuned traditions presented in this book, deals with the study of interaction (...). The study of interaction from the angle of constructing social reality brings into focus the use of language*»
(Hall et al., 2003: 17).

HALL, Christopher *et al.* (EDS.) - **Constructing Clienthood in Social Work and Human Services: Interaction, Identities and Practices**. London / New York : Jessica Kingsley Publishers, 2003

Preparação de um exercício derivado da metodologia das sessões de co-análise de dados conversacionais/interacionais (*Data Session*) praticadas em Análise Conversacional etnometodológica

20/09/2023 (Troca)

Exercício derivado da metodologia das sessões de co-análise de dados conversacionais/interacionais (*Data Session*) praticadas em Análise Conversacional etnometodológica : descrição e análise dos comportamentos observáveis no filme de uma « *fila de espera* » (duração : 30 segundos)

Link :

<https://www.awesomescreenshot.com/video/20598032?key=cc06f93f1617ba9b71e5e04d1c672cbc>



Experimentações em meio natural : romper as expectativas dos interactantes, assentes em clausulas de um microcontrato até então tácito, para provocar a verbalização explícita das regras de comportamento definidas nestas clausulas.

A ordem interacional é uma ordem moral : o desrespeito da ordem interacional da fila de espera gera juízos de valor depreciativos acerca do transgressor

Passar a frente de pessoas que já estão na fila, *sem mais nem menos*

27/09/2023

Fazer ciência na e pela descrição densa / detalhada do filme de uma fila de espera

Prestar particular atenção (sensorial) : algo invulgar

Prestar uma atenção sensorial e cognitivamente redobrada a algo que faz parte do vosso quotidiano

Ciências sociais : alterar a nossa focalização atencional

“Desbanalizar” o nosso quotidiano

Dimensão inerentemente ética de uma fila de espera : ética emica, definida não de fora por uma autoridade exterior, mas, sim, de dentro, pelos próprios interactantes

Prestar atenção aos detalhes

Ordem interacional negociável, mediante a mobilização de justificações intersubjetivamente validadas como racionais

O facto social durkheimiano é um facto intrinsecamente normativo

Um comportamento social é um comportamento pressionado, constringido por normas

Os comportamentos de interação são também comportamentos informados por normas, ratificadas pelos interactantes. Portanto somos no domínio dos comportamentos sociais

Uma fila de espera : densidade de microfenómenos, de microcomportamentos, de micropráticas observáveis nos 30 segundos do filme

Dimensão política : a fila de espera como democracia-em-acto, como prática informada pelo princípio democrático de Igualdade : As pessoas se tratam mutuamente como « iguais »

Práticas empresárias que fomentam a ação de furar a fila por quem é mais rico : Quem paga mais passa à frente dos outros : práticas antidemocráticas...

A definição de escalas analíticas em ciências sociais : complexidade da questão

Qual é a unidade das análises macroscópicas ? O Estado-nação português ? A União Europeia ? O sistema-mundo ?

EPPLE, Angelika - The Global, the Transnational and the Subaltern : The Limits of History beyond the National Paradigm. In AMELINA, ANNA *et al.* (Eds.) - **Beyond Methodological Nationalism : Research Methodologies for Cross-Border Studies**. Ebook ed. New York / London : Routledge, 2012. p. 227–254.

Escala macro-analítica : Políticas públicas e Administração central

As prerrogativas e funções do Estado

03/10/2023

Infra-estrutura da sociedade, as ações situadas constituem um importante objeto de estudo em ciências sociais

Abordagem micro-ecológica da ação situada

Cozinhar em casa : a organização está na ação cognitivamente pilotada e no meio em que ela está a ser realizada

Existem **dois tipos fundamentais** de ação e de relação do ator com a sua ação.

(1) Uma **ação realizada pela primeira vez** : a 1ª vez que uma pessoa se senta ao volante de um carro : faz e se observa cuidadosamente, atentamente fazendo. A sua atenção é muito focada (evita atender uma chamada ou qualquer outro tipo de ação que possa provocar um estado de atenção dividida).

Esta auto-observação é produtora de saberes

Produção de saberes na e pela ação, fonte extremamente importante de aprendizagens. --> Jean Piaget : aprender por meio dos nossos fracassos e dos nossos êxitos. “Aprender a andar andando”. Pragmática (ciência da ação) ---> Epistemologia pragmática (estudar a ação enquanto fonte de aprendizagens e de conhecimentos)

A prática como instância de produção, consolidação e validação de saberes

(2) Uma **ação realizada pela 500ª vez** : Os saberes capacitantes (que me tornam capazes de executar uma dada ação) foram assimilados, interiorizados, incorporados, e atuam em modo de “autopilotagem”. Não preciso de ficar muito atento, de me auto-observar atentamente, para realizar competentemente a ação.

É como conduzir de “olhos fechados” (CUIDADO : trata-se de uma expressão ABUSIVA : Na verdade, tenho os olhos abertos). A ação realizada deste modo são igualmente responsiva aos dados percebidos sensorialmente. Vejo, oiço (etc.), mas não tenho plena consciência desta minha atividade perceptiva (*seen but unnoticed*)

Estes saberes incorporados, que funcionam em regime de “autopilotagem”, são saberes tacitos, largamente “inconscientes” : « *Eu sei, mas não tenho plena consciência de todos os meus saberes* ».

Estamos perante **dois regimes cognitivos de pilotagem da ação** :

Pilotagem atenta (as primeiras vezes que realizo uma ação que apresenta algum grau de complexidade)

Autopilotagem

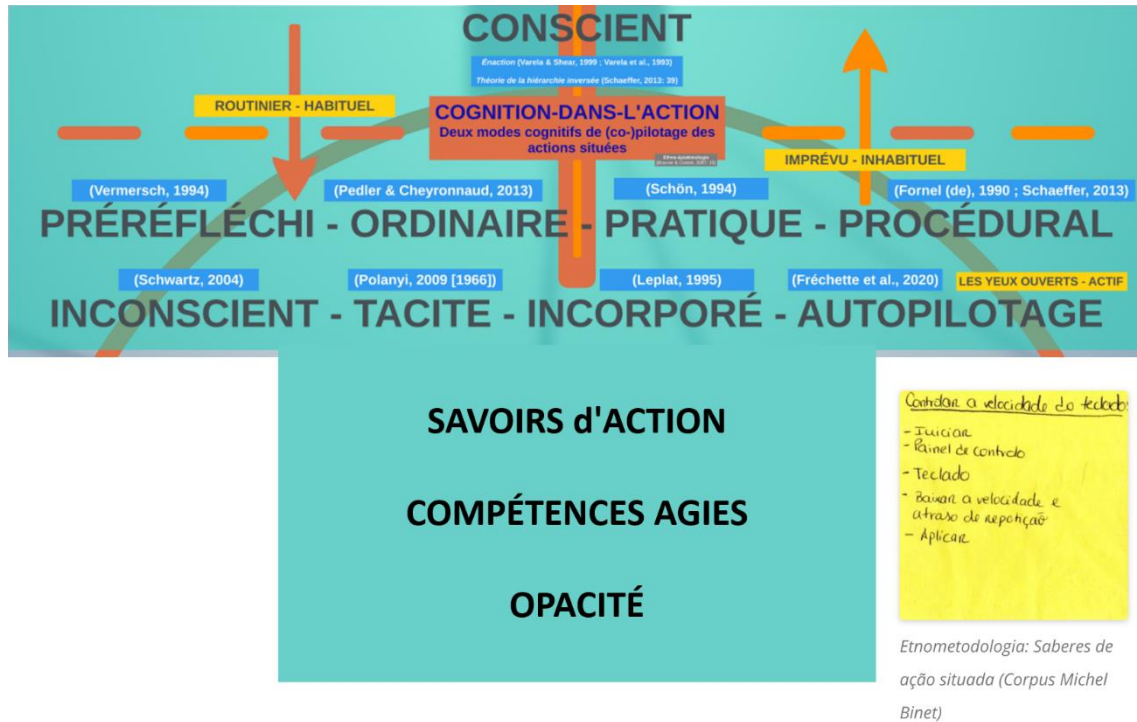
Metáfora do Iceberg

Eu sei, e eu sei que eu sei

Eu sei, mas não sei que eu sei

Como (re)conhecer, (re)descobrir o que eu sei sem saber plena e detalhadamente que eu sei (saberes de ação)

Desafio que se coloca à investigação : como levar uma pessoa a encarar em modo de pilotagem atenta uma ação que costuma realizar em modo de autopilotagem ?



03/10/2023

A reflexividade profissional, à luz da aula anterior, dedicada aos Dois modos de (co-)pilotagem cognitiva da ação situada

Reflexividade : retroceder do Modo 2 ao Modo 1, para me autoobservar agindo, com o mesmo grau de focalização atencional autocentrada que adotei as primeiras vezes (Modo 1), para tomar plena consciência e me capacitar a descrever finamente os meus próprios saberes de ação / saberes incorporados nas minhas ações, adquiridos não só pela via da formação formal (curso de formação) mas também, e por uma parte muito importante, por experiência / micro-experimentações em meio natural.

Profissional reflexivo : capacidade de auto-estudo por auto-observação e auto-descrição, geradora de meta-saberes (ou saberes de 2º grau : saberes discursivamente formatados sobre os saberes incorporados nas minhas ações, saberes eficazes, repetidas vezes postos à prova e testados na e pela minha prática)

Teoria da hierarquia invertida : Quem sabe, é o profissional. Quem detém os saberes que constituem o objeto do estudo, é o profissional.

« Recherche praticienne »

Desafio que se coloca à investigação : encontrar uma metodologia de estudo que não desqualifica o profissional e os seus saberes

Análise das práticas politico-metodológicas : análise das relações de poder na co-produção de saberes

Não desempoderar o profissional no e pelo dispositivo metodológico mobilizado para fazer ciência

Limites dos questionários : os saberes de ação dos profissionais estão em larga medida fora do seu domínio de aplicabilidade

Os profissionais sabem muito mais, na prática, do que são capazes de dizer ao responder a um questionário

A maioria das práticas de entrevista são igualmente de aplicabilidade limitada (excepção notável : a Entrevista de Explicitação)

A observação direta da ação na própria situação em que está a ser realizada : a pesquisa etnográfica de terreno

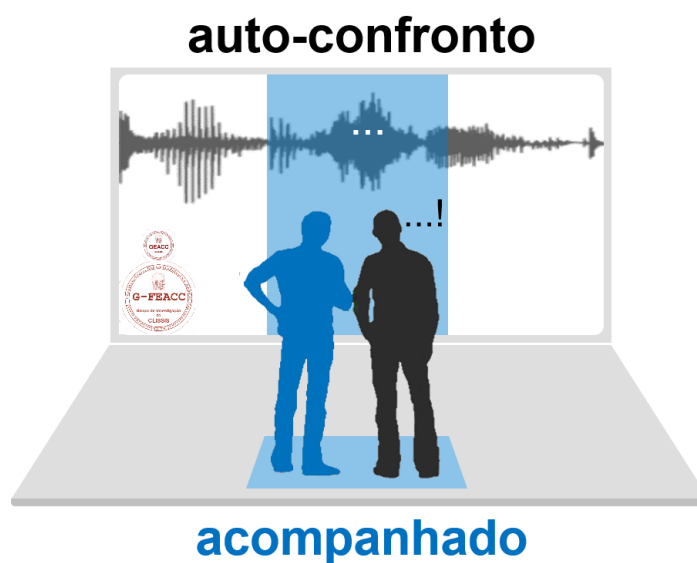
Limites sensoriais e cognitivas da prática da observação etnográfica : a atenção dividida entre a observação e o registo de apontamentos escritos / Limites da memória (nestas circunstâncias) / Irreversibilidade do tempo : cada acto acontecendo uma única vez , só tenho uma única oportunidade de observação de cada acto, de cada episódio interacional (ex.: os 30 segundos do filme de uma fila de espera)

--> O Estudo de corpus de gravações/filmagens

Gravação subjetiva



--> Práticas da co-análise por autoconfronto acompanhado



04/10/2023

Escalas analíticas e Abordagens teórico-metodológicas

Os « objetos » de estudo são teórico-metodologicamente construídos

« Objetos » e Ranking dos métodos de estudo

Cada método tem o seu domínio de aplicabilidade

Objeto de estudo : a « ação situada » e os « saberes mobilizados pelo ator para pilotar essa sua ação » --> Reordenar o Ranking dos métodos em adequação com este « objeto »

Vantagens, alcance, rigor e granularidade descritiva dos estudos de corpora (de gravações / filmagens)

A co-análise por autoconfronto permite combinar as contribuições da Análise Conversacional e da Entrevista de Explicitação : Dispositivo de *Co-Análise Conversacional e Explicitativa* (CACE)

VERMERSCH, Pierre - **A Entrevista de Explicitação (1994)**. São Paulo : Fundação Carlos Chagas, 2022

Autodescobertas dos seus próprios saberes de ação, mediante a sua conversão em metasaberes descritivos, elaborados por meio do dispositivo de autoconfronto acompanhado

Metasaberes descritivos : saberes (em formato de descrições verbais) sobre saberes incorporados nas suas próprias ações

Exemplos de microsaberes incorporados em micropráticas : os sinais de escuta ativa / Manifestar empatia, “proxemia emocional” (Jondeau), ao realizar uma tomada de turno a seguir o relato pelo utente de um episódio doloroso da sua vida

De acordo com Yves Clot, o « real da atividade » é maior do que o « realizado da atividade » : faz parte do « real da atividade » tudo o que ponderei fazer mas optei por não fazer : as ações ponderadas mas não realizadas são partes integrantes da vivência subjetiva e cognitiva da ação (Clot & Faïta, 2000: 35).

CLOT, Yves; FAÏTA, Daniel - Genres et styles en analyse du travail: Concepts et méthodes. **Travailler**. 4 (2000) 7–42.

«Le travail n'est pas seulement « consommateur » de compétences, mais aussi générateur de celles-ci (...)» (Clot, 2008: 21).

CLOT, Yves - **Le travail sans l'homme ? Pour une psychologie des milieux de travail et de vie (1995)**. 3. ed. Paris : La Découverte, 2008

«(...) l'analyse du travail est venu au premier plan dans la formation professionnelle. Les « manières d'apprendre » ont été alors rapprochées des « manières de faire ». Mieux, les secondes ont été vues comme la base des premières. Le contenu des activités de travail et son analyse ont alors été regardés comme un moyen pour apprendre» (Clot, 2000: 133).

CLOT, Yves - La formation par l'analyse du travail : pour une troisième voie. In MAGGI, BRUNO (Ed.) - **Manières de penser, manières d'agir en éducation et en formation**. Paris : PUF, 2000. p. 133–156

VINATIER, Isabelle; FILLIETTAZ, Laurent; LAFOREST, Marty (EDS.) - **L'analyse des interactions dans le travail : Outil de formation professionnelle et de recherche**. Dijon : Éditions Raison et Passions, 2018

10/10/2023

Erving Goffman : uma introdução

Face Work : o trabalho expressivo/comunicativo de gestão das faces identitárias na trama das interações : « Fazer boa figura »

O conceito de « Ordem interacional » : as interações são ordenadas e co-ordenadas de dentro pelos interactantes : ao descrever detalhadamente uma interação, podemos evidenciar uma « ordem »

Exemplo paradigmático : a ordem interacional de uma fila de espera

Goffman : *Face Work* <----> Ordem da interação

A análise combinada do *Face Work* e da Ordem interacional : a ordem interacional é uma ordem moral ou microética

GOFFMAN, Erving - On Face-Work : An Analysis of Ritual Elements in Social Interaction (1955). In LAVER, JOHN; HUTCHESON, SANDY (Eds.) - **Communication in Face to Face Interaction: Selected Readings**. Harmondsworth : Penguin Books, 1972. p. 319–346.

GOFFMAN, Erving - **Ritual de interação. Ensaios sobre o comportamento face a face (1967)**. Petrópolis : Vozes, 2011

GARNEAU, Stéphanie; NAMIAN, Dahlia (EDS.) - **Erving Goffman et le travail social**. Ottawa : Les Presses de l'Université d'Ottawa, 2017

Conceito de *Face-Threatening Acts* (FTA) : actos que contituem ameaças ou ataques à minha fase identitária ou à face identitária de outrem : actos desrespeituosos : A questão do « respeito » manifestado por outrem a mim ou a outrem por mim

Conceito de « direitos interacionais » : enquanto interactante, enquanto participante numa interação, tenho direitos cujo respeito contribui para gerar e manter a ordem interacional

Localizar na internet a apresentação Prezi de suporte à presente aula e às seguintes : https://prezi.com/aw81iora5z_e/?preview=1

Bibliografia de suporte à análise combinada do *Face Work* e da Ordem das interações conversacionais

Face Work - Rituais de interação - Polidez - Cortesia verbal - Microética

BROWN, Penelope; LEVINSON, Stephen C. - **Politeness. Some universals in language use (1978)**. 18. ed. Cambridge : Cambridge University Press, 2009

Dois tipos de interação : Interações ritualmente equilibradas (Tipo 1) e Interações agonais (Tipo 2)

Interações do Tipo 1

O conceito de ritual / ritualização da interação : incorporação na interação de manifestações de respeito

Ex.: as trocas de saudações, desprovidas de valor instrumental, mais com forte valor ritual

A ritualização da sua interação permite aos interactantes de fabricar os seus laços sociais : a interação é uma fábrica de laços sociais

Ser [tratado como] não-pessoa : pessoa que não é saudada / cumprimentada pelos outros

Equilíbrio ritual : a minha saudação é retribuída pelo meu interlocutor

10/10/2023

Aula apoiada numa apresentação Prezi : https://prezi.com/aw81iora5z_e/?preview=1

Exploração da definição do conceito goffmaniano de « Territórios do Eu »

1º Território do Eu : o meu corpo // A gestão dos contactos / toques intercorporais

2º Território do Eu : a zona proximal em torno do meu corpo / a proxemia

3º Território do Eu : as minhas pertences / as minhas posses / os meus bens / Tudo o que considero e é tratado pelos outros como sendo « meu » : a micro-estrutura da propriedade dos bens e objetos na sala de aula é produzida e reproduzida pelos nossos comportamentos

Territórios 1 + 2 : A mesa de cabeceiro de uma pessoa acamada num hospital, personalizada / territorializada / apropriada por fotografias

Esta estrutura da propriedade é simultaneamente micro e macro

A propriedade é uma realização prática : posso pegar na « minha » garrafinha de água, *sem mais, nem menos* (ritual de passagem), e beber um gole de água, sem ofender ninguém. Já não posso fazer o mesmo com uma garrafinha de água que não é « minha » : Neste caso, é preciso pedir licença e justificar (rituais de passagem), ou seja, não posso pegar na garrafinha *sem mais, nem menos*

4º Territórios do Eu imateriais : Territórios de identidade (ex.: a nacionalidade) / Territórios de competência associados a uma das vossas identidades categoriais / Territórios de responsabilidade e de soberania associados a uma das vossas identidades categoriais (ex.: a parentalidade) / Os meus Outros significativos

O conceito goffmaniano de *tacto*

Conceito de *prósodia gestual*

Ter os seus territórios do Eu é uma necessidade fundamental dos seres humanos e das suas vivências subjetivas

Ex.: lugares à mesa no refeitório de um ERPI : esta cadeira como sendo « meu » lugar, « meu » território do Eu

Meso-estruturas de uma organização (ex.: um ERPI) e micro-estruturas microterritoriais

Três escalas de análise : Macro (Legislação e administração do ensino superior a partir do Estado central) / Meso (Tal universidade em concreto. Ex.: a Universidade Lusíada de Lisboa) / Micro (Tal aula em concreto. Ex.: « esta » aula, aqui e agora)

Estas escalas são interligadas : Macro-Meso-Micro links

Condicionamentos mútuos das escalas

As interações (unidades de escala micro) como infra-estrutura das unidades de escala meso e macro : Não há uma universidade sem aulas.

11/10/2023

Conceito de *História conversacional / interacional / relacional*

Passado / PRESENTE / Futuro

O PRESENTE é o quadro microtemporal da minha agência

« Aqui e agora » : a situação interacional como quadro micro-espacial e microtemporal da nossa agência

O « passado » como PANO de FUNDO de expectativas, de receios, de seguranças ou de inseguranças da interação presente.

O *tacto*, parte do trabalho expressivo/comunicativo de gestão das faces identitárias centrada de outrem

A *pose*, parte do trabalho expressivo/comunicativo de gestão das faces identitárias autocentrada na gestão da minha própria face identitária

Regras invertidas de comportamento microético no *tacto* e na *pose*

Impacto do apuramento de um laço de co-pertença a uma mesma categoria

A manutenção do equilíbrio ritual

As formas de trato

17/10/2023

Aula apoiada numa apresentação Prezi : https://prezi.com/aw81iora5z_e/?preview=1

Interações do Tipo 1 | Regras do comportamento microético (tacto e pose)

Forte impacto dos laços de co-pertença a uma mesma categoria (*In-Group*), apurados no decurso de uma interação

A interação como microfábrica de co-construção dos laços sociais

O *Face Work* se estende aos outros significativos (um pai, um amigo de infância, etc.) de que os interlocutores falam sem estarem presentes : conceito de *delocutor*

Nas interações do Tipo 1, ambos os interactantes seguem as mesmas regras de comportamento microético, por meio de uma lógica de reciprocidade, cooperando na co-construção de uma interação ritualmente equilibradas

As interações (informais, simétricas) entre amigos como interações *prototípicas*

«(...) conversation should be considered the basic form of speech-exchange system, with other systems on the array representing a variety of transformations of conversation's turn-taking system, to achieve other types of turn-taking systems» (Sacks, Schegloff & Jefferson, 1974: 730).

SACKS, Harvey; SCHEGLOFF, Emanuel; JEFFERSON, Gail - A Simplest Systematics for the Organization of Turn-Taking for Conversation. **Language**. 50:4 (1974) 696–735.

«CA research has, in part, been inspired by the realization that ordinary conversation is the predominant medium of interaction in the social world. It is also the primary form of interaction to which, with whatever simplifications, the child is initially exposed and through which socialization proceeds. Thus the basic forms of mundane talk constitute a kind of benchmark against which other more formal or "institutional" types of interaction are recognized and experienced. Explicit within this perspective is the view that other "institutional" forms of interaction will show systematic variations and restrictions on activities and their design relative to ordinary conversation (Sacks, Schegloff, and Jefferson 1974: 629; Atkinson and Drew 1979; Atkinson 1982; Heritage 1984a). The study of ordinary conversation, preferably casual conversation between peers, may thus offer a principled approach to determining what is distinctive about interactions involving, for example, the specialisms of the school or the hospital or the asymmetries of status, gender, ethnicity, etc. A clear implication is that comparative analysis that treats institutional interaction in contrast to normal and/or normative

procedures of interaction in ordinary conversation will present at least one important avenue of theoretical and empirical advance» (Drew & Heritage, 1992: 19).

DREW, Paul; HERITAGE, John - Analysing talk at work: an introduction. In DREW, PAUL; HERITAGE, JOHN (Eds.) - **Talk at Work : Interaction in Institutional Settings**. Cambridge : Cambridge University Press, 1992. p. 3–65.

«(...) because [conversation analysts] use findings from ordinary conversations as a baseline for comparison, they are able to see how generic devices for producing social actions are modified in organizational environments and adapted to the attainment of institutional aims» (Turowetz & Maynard, 2010: 514).

TUROWETZ, Jason J.; MAYNARD, Douglas W. - Morality in the Social Interactional and Discursive World of Everyday Life. In HITLIN, STEVEN; VAISEY, STEPHEN (Eds.) - **Handbook of the Sociology of Morality**. New York : Springer, 2010. p. 503–526.

As interações agonais (Tipo 2)

A transformação de uma interação ritualmente equilibrada (Tipo 1) numa interação agonai, ritualmente desequilibrada, no seguimento de uma ato que é interpretado como ofensivo, desrespeituoso

Conceito de Ato ameaçador da Face (*Face-Threatening Acts* - FTA)

Vulnerabilidade das interações do 1º Tipo

Somos *equilibristas do tacto* (Gardella, Le Méner & Mondémé, 2006)

GARDELLA, Édouard; LE MÉNER, Erwan; MONDÉMÉ, Chloé - **Les funambules du tact: Une analyse des cadres de travail des équipes mobiles d'aide du Samusocial de Paris**. Paris : Observatoire du Samusocial de Paris, 2006

Os atos ofensivos : abordagem emica (do ponto de vista subjetivo dos interactantes)

17/10/2023

Aula apoiada numa apresentação Prezi : https://prezi.com/aw81iora5z_e/?preview=1

Definição interacional do conceito de « piada » : algo que é dito ou feito para provocar o riso

Goffman : modalizar como « piada » uma ação séria

Bateson : observação de focas brincando que estão a lutar

BATESON, Gregory - The Message «This is Play» (1955). In SCHAFFNER, BERTRAM (Ed.) - **Group Processes**. New York : Josiah Macy Jr. Foundation, 1956. p. 145–242.

Dizer uma piada contribui para definir e construir uma relação que facilita a intervenção e o acompanhamento social

Atos diretos & Atos indiretos

« Rir com » : riso partilhado

Uma piada, orientada para « rir com » (riso partilhado), pode ser um ato indireto que consiste em criticar, atacar o outro (« rir de »)

As interações agonais (Tipo 2) : inversão das regras de comportamento das interações do Tipo 1

Um conflito também é uma interação produzida e pilotada metodicamente (por inversão *metódica* das regras que vigoram nas interações de tipo 1)

Uma interação do 2º tipo pode ser apaziguada e convertida numa interação do 1º tipo : mobilização de formulas de reparação ritual das ofensas : Pedidos de desculpa e Justificações

Autojustificação consistindo em negar ter tido a *intenção* de ofender : há aqui uma teoria microética incorporada nas nossas justificações

A *intencionalidade* como componente constitutiva do ato (aqui de ofender)

Se nego ter tido a intenção, eu neutralizo a carga ofensiva do meu acto

Somos teorizadores da ética nas nossas práticas

Protomoralidade : a microética produzida e reproduzida na trama das nossas interações é a fonte primária (que passa despercebida, na maioria dos casos) de toda uma literatura

derivada, secundária : a filosofia ética é uma produção secundária. A produção primária da ética é realizada na trama das nossas interações.

«Proto-morality is the basic stuff out of which morality is built (...)» (Bergmann, 1998: 283).

BERGMANN, Jörg R. - Introduction: Morality in Discourse. **Research on Language & Social Interaction**. 31:3-4 (1998) 279-294.

O conceito de « saldo ritual » de cada interação : o laço social construído no quadro de cada interação pode ser fortalecido ou enfraquecido, em função do saldo ritual

O conceito de « capitalização simbólica », por acumulação de saldos rituais positivos : se sentir e ser encarado como uma pessoa « credível »

« Descapitalização simbólica » : acumulação de saldos rituais negativos : se sentir e ser tratado como uma pessoa desacreditada

Conceito goffmaniano de *não-pessoa*

Abordagem psicossocial : saldos rituais e co-construção interacional do Eu (*Self*), da identidade positiva

Interacionismo simbólico : a minha identidade é co-construída interacionalmente, pela mediação dos olhares dos outros sobre mim

Estado de dependência simbólica, microética dos seres humanos : vulnerabilidade das nossas identidades

Atender pessoas em situação de grande vulnerabilidade identitária : « o Serviço Social mata ; o Serviço Social salva ».

Relatar ao assistente social um conflito passado no decurso do qual o utente se sentiu rebaixada, desvalorizada, desacreditada por outrem : A assistente social é constituída e empoderada pela utente como testemunha em posição de proceder à sua reabilitação, por meio de uma validação intersubjetiva retrospectiva das suas razões e justificações (que foram desconsideradas no decurso do conflito que está a ser relatado)

18/10/2023

Aula apoiada numa apresentação Prezi : https://prezi.com/aw81iora5z_e/?preview=1

Epistemologia

Validação mútua das teorias pelo estudo empírico das suas articulações

A Validação mútua da teoria micro-analítica da microética e de teorias macro-analíticas

Micro-lutas de (des)classificação social (Bourdieu) <----> Macro-estruturas das desigualdades sociais e das relações de dominação social : A Ordem macrossocial é produzida e reproduzida nas interações

Realizadas localmente, no aqui e agora de interações situadas, as Justificações são micropráticas que podem legitimar sociodiscursivamente *princípios de visão e de divisão* da sociedade (Bourdieu)

Exemplo : um homem casado que regressa do emprego e senta-se no sofá, aguardando que o jantar lhe seja servido, sem dar justificações, tem um comportamento revelador das identidades de género fixadas pela microcultura familiar do seu agregado, por contraste com um homem que nas mesmas circunstâncias apresenta uma justificação pelo fato de não ajudar a pôr a mesa e a preparar e servir o jantar. Um e outro não têm a mesma visão das relações conjugais.

O que este exemplo sublinha, é que o que é digno de registo e de análise é (1) a apresentação de justificações bem como (2) a ausência da apresentação de justificações

1 - Primeira articulação entre a Teoria da microética das interações e uma teoria microanalítica desenvolvida no âmbito da Análise da Conversação Etnometodológica (ACE) :

a Teoria da regulação sistemática das tomadas de turno de fala e da sua alternância

- Apresentação da principal fonte: o artigo da co-autoria dos sociólogos Harvey Sacks, Emanuel Schegloff e Gail Jefferson, publicado em 1974 numa das mais importantes revistas da área das Ciências da linguagem, a Revista *Language* : Sacks, H., Schegloff, E. and Jefferson, G. (1974)

- ‘A Simplest Systematics for the Organization of Turn-Taking for Conversation’, *Language*, 50(4), pp. 696–735.
- Artigo fundador da ACE, trata-se do artigo mais citado de toda a história da Revista.
 - Tradução em português do Brasil: Sacks, H., Schegloff, E. e Jefferson, G. (2003) ‘Sistemática elementar para a organização da tomada de turnos para a conversa’, *Veredas (UFJF)*, 7(1–2), pp. 9–73.
 - Introdução dos conceitos de « Turno de fala », de « Unidade de Construção de Turno* » (UCT), de « Ponto de completude enunciativa* » (« *Points of Possible Completion* » - PPC) e de « Lugar de transição possível » (« *Transition-Relevant Places* » - TRP*)

Glossário de Microética :

<https://www.zotero.org/groups/153444/geacc/collections/BGAFE5DJ/items/H89MFEL3/item-list>

- Articulação teórica (1) : o turno de fala é equiparável a um « micro-território do Eu » do sujeito falante. Uma tentativa de tomada de turno fora de um PPC por outro falante configura um corte de palavra que equivale a uma « ato de invasão de um micro-território do Eu », ato ofensivo (FTA - «*face-threatening acts*»).
- Pedir licença (conceito de « ritual de passagem »), justificar (conceito de « *accountability* ») e/ou pedir desculpa são atos rituais que permitem minimizar ou reparar a ofensa cometida por um corte de palavra, ou seja, por uma tentativa de tomada de turno que desrespeita as regras que regulam a alternância dos turnos de fala e tornam possível uma co-pilotagem ordenada e ordenadora, co-ordenada e co-ordenadora da interação conversacional.
- **Regra 1:** Todas as coisas sendo iguais (*ceteris paribus*), o sujeito que está falando (*current speaker*) tem o direito de **heteroselecionar o falante seguinte** (*next speaker*) pelo endereçamento de uma **pergunta**: No final do meu turno (que corresponde à chegada a um PPC), colocar uma pergunta a outro falante é endereçar-lhe uma convocatória e uma injunção que faz recair sobre ele uma **obrigação** a realizar uma tomada de turno e a tornar-se o falante seguinte.
- **Regra 2 :** Todas as coisas sendo iguais (*ceteris paribus*), se o sujeito que está falando (*current speaker*) não coloca uma pergunta no final do seu turno e limita-se a parar de falar, num PPC, outro falante tem o direito de **auto-selecionar-se** como falante seguinte mediante uma tomada de turno.
- **Regra 3 :** Todas as coisas sendo iguais (*ceteris paribus*), em caso de não aplicação das duas primeiras regras, aplica-se uma 3ª Regra. Na ausência de heteroseleção e de autoseleção do falante seguinte, o sujeito que está falando (*current speaker*) pode retomar a palavra e continuar o seu turno de fala, até o próximo PPC, onde voltam a aplicar-se as 3 Regras, sequencialmente distribuídas.
- **Distribuição sequencial das oportunidades de aplicação das três regras:** A oportunidade de aplicar a primeira Regra ocorre primeiro no tempo (sequencialmente), e assim sucessivamente.
-
- **Duplo valor (1) positivo e (2) negativo do modelo teórico:**

As regras explicitadas e formalizadas por esta Teoria permitem (1) **gerar**

descrições adequadas das *conversações informais entre amigos* (valor positivo da teoria), tratadas como *protótipo* de todas as interações conversacionais

Argumento em favor da tese que consiste a atribuir um valor prototípico às conversações informais entre amigos: é neste tipo de interações conversacionais, que promove direitos interacionais iguais [todos os interactantes têm à partida o mesmo direito de participar de igual forma na interação], que este sistema de regras é o mais estruturante e solicitado.

(2) **Evidenciar e corrigir a inadequação das descrições** geradas pelo modelo teórico para outros tipos de interação permite gerar novos conhecimentos sobre eles, por análise contrastiva (valor "negativo" da teoria: explicar em que aspectos as descrições geradas a partir da teoria não correspondem aos dados observáveis é contribuir para o avanço do conhecimento científico).

É a mesma teoria que serve de pano de fundo às análises contrastivas que permitem descrever detalhadamente a diversidade de quadros interacionais que organizam a nossa vida social.

Articulação teórica

- Articulação teórica (2) : A passagem de um dos dois tipos de interação definidos no âmbito da Teoria da microética para o outro é observável ao nível do modo de gestão das regras do sistema de regulação das tomadas de turno e da sua alternância. Nas interações do 1º Tipo, os interactantes tendem a respeitar integralmente as regras evidenciadas e formalizadas por Sacks, Schegloff e Jefferson (1974). Nas interações do 2º Tipo, agonais / conflituosas, estas regras são sistematicamente violadas. O respeito sistemático e a violação sistemática destas regras são dois etnométodos de co-produção de interações que cabem de um modo mutualmente patente num dos dois Tipos de interação: ritualmente equilibrados (Tipo 1) ou agonais (Tipo 2).

A observação desta ligação sistemática entre (1) a manutenção de uma interação ritualmente equilibrada ou, ao contrário, a provocação e a alimentação de um conflito verbal e (2) o modo de gestão destas regras do sistema de regulação das tomadas de turno de fala e da sua alternância, de respeito sistemático ou de violação sistemática, vale como validação mútua de ambas as teorias pela via da investigação empírica.

24/10/2023

Aula apoiada numa apresentação Prezi : https://prezi.com/aw81iora5z_e/?preview=1

2 - Segunda articulação entre a Teoria da microética das interações e uma teoria microanalítica desenvolvida no âmbito da Análise da Conversação Etnometodológica (ACE) : a formalização teórica das regras do **duplo sistema de sinalização e de correção de "erros"**

- Principal fonte: Sacks, H., Schegloff, E. and Jefferson, G. (1977) 'The Preference for Self-Correction in the Organization of Repair in Conversation', *Language*, 53(2), pp. 361–382.
- **"Erros"**: o termo "erro" é colocado **entre aspas** para assinalar ao leitor a perspectiva emic que prevalece na abordagem dos "erros" em ACE: É um "erro" tudo o que é sinalizado e tratado como tal pelos interactantes (e não pelo investigador, que, na ACE, não é um "censor" guardião duma "norma" imposta)
- Todas as coisas sendo iguais (*ceteris paribus*) [formúla lógica, esta locução latim anuncia que a teoria poderá ser posteriormente usada num programa de análises contrastivas dos vários tipos de quadros interacionais], cada falante que participa numa interação conversacional pode ativar este duplo sistema, inclusive fora de um TRP/PPC.
- A ativação deste duplo sistema permite gerar **quatro tipos de eventos interacionais**:
 - 1- Uma Autosinalização seguida de uma Autocorreção ;
 - 2- Uma Autosinalização seguida de uma Heterocorreção ;
 - 3- Uma Heterosinalização seguida de uma Autocorreção ;
 - 4- Uma Heterosinalização seguida de uma Heterocorreção.
- **Articulação teórica** : Esta ordem de exposição de cada tipo de evento interacional passível de ser gerado pela ativação do sistema corresponde a uma **escala crescente do seu grau de ofensividade**.
 - 1- Ser capaz de autocorriger erros meus, autosinalizados por mim próprio, é

pouco ameaçador para a manutenção da minha boa imagem junto dos outros. Mesmo assim, cometer muitos erros pode vir a constituir uma ameaça ;

2- Mesmo se eu me dou conta e se eu próprio autosinalizo os meus erros, não ser capaz de autocorrigí-los é mais ameaçador para a manutenção do meu capital reputacional do que o evento anterior ;

3- Não me dar conta e deixar passar os erros que cometo é ainda mais desqualificador e ameaçador para a minha face identitária, mesmo se revelo capacidade para me autocorrigir quando outro interactante heterosinaliza os erros que cometi ;

4- Se eu me revelo incapaz de autosinalizar e de autocorrigir os meus erros, saio muito desacreditado das minhas interações com os outros.

- Existe uma **preferência para a autocorreção** (ver título do artigo acima citado) observável na trama das interações, que encontra a sua explicação na Teoria da microética. Estamos novamente perante ou intervalidação ou validação mútua de duas teorias, pela via de investigações empíricas.
- **Estratégia microética:** Quando heterosinalizo um erro cometido pelo falante anterior, realizei uma tomada de turno que me permitiu obter a palavra e me dá a oportunidade de heterocorrigir o erro, antes do falante anterior recuperar a palavra por uma nova alternância de turno (de fala). Ou seja : a oportunidade de gerar o Evento 4 (Erro heterosinalizado e heterocorrigido) é sequencialmente anterior à oportunidade de co-produzir o Evento 3 (Erro heterosinalizado e autocorrigido). Mas mesmo se sou capaz e tenho a oportunidade de heterocorrigir um erro cometido por outrem que acabei de heterosinalizar, para suavizar a carga ofensiva do ato de ativação deste duplo sistema, finjo ter uma dúvida (mesmo não duvidando que o outro cometeu um erro), colocando uma pergunta, que coloca o outro em posição de se autocorrigir.
- **Análise contrastiva** (exemplo): No quadro interacional de uma aula de uma língua estrangeira, a ativação pelo docente do sistema de sinalização e de correção de erros cometidos pelos alunos não é, todas as coisas sendo iguais, tão ofensivo. [Todas as coisas sendo iguais: a entoação é aqui muito importante. Uma simples mudança de tom de voz pode tornar o mesmo ato de sinalização e correção de um erro extremamente ofensivo]. Em sentido contrário, um aluno que domina esta língua como língua materna não poderá corrigir o docente sem ameaçar e atacar a sua imagem de professor competente.

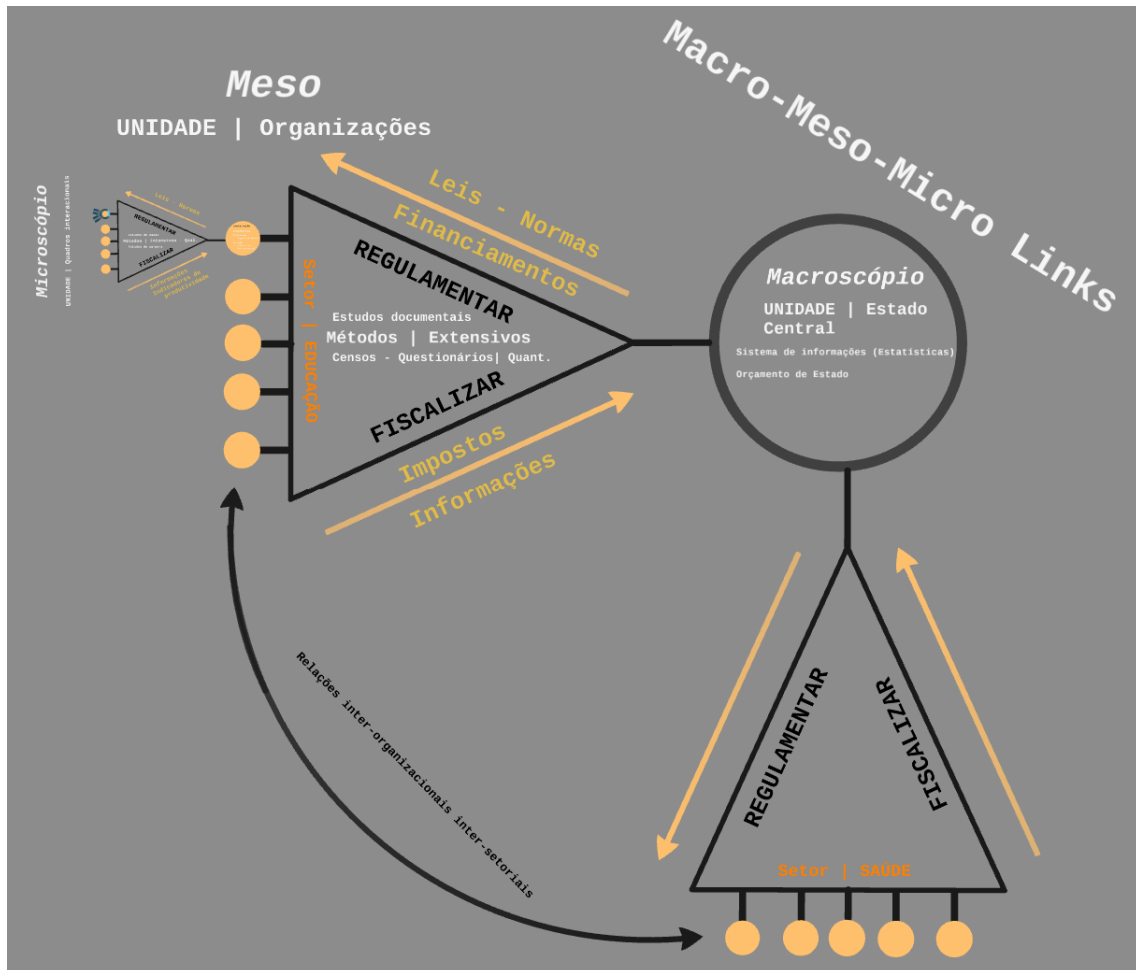
Estas diferenças não desmentem a teoria mas, bem pelo contrário, comprovam a

sua heurística. É a mesma teoria que serve de pano de fundo às análises contrastivas que permitem descrever detalhadamente a diversidade de quadros interacionais que organizam a nossa vida social.

25/10/2023

Estruturas, Organizações e Quadros interacionais

Aula apoiada numa apresentação Prezi : <https://prezi.com/u881mx6z0efz/?preview=1>



07/11/2023

Preparação do teste

07/11/2023

Teste

3 - Terceira articulação entre a Teoria da microética das interações e uma teoria microanalítica desenvolvida no âmbito da Análise da Conversação Etnometodológica (ACE) : a dupla Teoria dos **pares adjacentes** e da sua **organização preferencial**

- Principal fonte: Sacks, H., Schegloff, E. and Jefferson, G. (1974) 'A Simplest Systematics for the Organization of Turn-Taking for Conversation', *Language*, 50(4), pp. 696–735.
- Introdução do conceito de « **Par adjacente** » como organização de base das interações conversacionais
- A Unidade monologal mais elementar da atividade conversacional : o « Turno de fala » (ação realizada individualmente, por um só falante de cada vez)*
- A Unidade dialogal mais elementar da atividade conversacional: o « Par adjacente » (ação realizada por dois falantes, mediante uma alternância de turnos de fala)
- Exemplo (forjado para fins didáticos):
- Introdução dos conceitos de « Ato iniciativo » (ou « Primeira Parte do Par adjacente » - PPP), de « slot » e de « Ato reactivo » (ou « Segunda Parte do Par adjacente » - SPP)
- **Articulação teórica (1)** : A realização pelo Falante A de um Ato iniciativo (PPP), como o observável nas Linhas de transcrição nº 01 e 02 (LT01-02), projeta um *slot*, que exerce um fortíssimo duplo micro-condicionamento do comportamento do Falante B : (1) o Falante B é convocado, é obrigado, é coagido, fica sob a alçada de uma fortíssima injunção a realizar uma **tomada de turno** neste slot, para (2) produzir num segundo turno um **Ato reactivo** (SPP) de um tipo (valor acional) e de um teor (valor semântico) (Lt03), **muitíssimo condicionado** pelo Ato iniciativo realizado no turno anterior (Lt01-02). No caso de um Par adjacente « Pergunta/Resposta », a pertinência do Ato reactivo (a Resposta) é co-interpretada e co-avaliada por ambos os interactantes por referência ao duplo valor semântico-pragmático do Ato iniciativo (a Pergunta em Lt01-02). É mutuamente patente para os interactantes que a Resposta (Lt03) dada à Pergunta colocada no turno anterior (Lt01-02) é pragmática e semanticamente pertinente.

O modo mutuamente patente (perceptível) como o Falante B gere em Lt03 o slot projetado pelo Ato iniciativo realizado pelo Falante A em Lt01-02 é

sistematicamente co-avaliado por ambos os interactantes (perspetiva emic) em termos de cumprimento ou de ruptura do micro-contrato de cooperação que regula a sua interação conversacional. No exemplo acima reproduzido, o Falante B cumpre, respeita as regras de comportamento formalizadas pela Teoria da organização em pares adjacentes, que podem ser igualmente descritas como cláusulas importantíssimas do micro-contrato de cooperação conversacional, cuja teorização é parte integrante da Teoria microética.

Com efeito, não responder, não realizar uma tomada de turno e remeter-se para o silêncio, realizar em Lt03 um ato que não constitui uma SPP emicamente admissível como *pertinente*, seria interpretado pelo Falante A como ofensivo (FTA).

- **Articulação teórica (2)** : Cada tipo de Par adjacente admite como SPP vários tipos de atos reativos. No caso da Oferta, uma Aceitação ou uma Recusa são dois SPP emicamente admissíveis como pertinentes e como cumpridoras do micro-contrato de cooperação conversacional. No entanto, a investigação empírica permite evidenciar que os interactantes não gerem de igual modo estas duas SPP admissíveis (Aceitação ou Recusa). Estes modos de gestão se diferenciam no plano da ritualização do comportamento, ou seja no plano microético.

A SPP dita preferencial (ou preferida) é o Ato reativo cuja realização não envolve nenhuma quebra de adjencialidade: Todas as coisas sendo iguais, a « Aceitação » é dada imediatamente, sem pausa, sem marcas de hesitação, sem necessidade de vir acompanhada de uma justificação (*accountability*).

Tipicamente, num contraste recorrentemente observável, a SPP dita despreferencial (ou despreferida), a « Recusa », não é realizada imediatamente : a adjencialidade é quebrada pela interposição de uma pausa vazia (ou silenciosa), de uma pausa cheia («eeeeeh»), de uma justificação, antes do ato reativo propriamente dito (a « Recusa ») ser finalmente realizado.

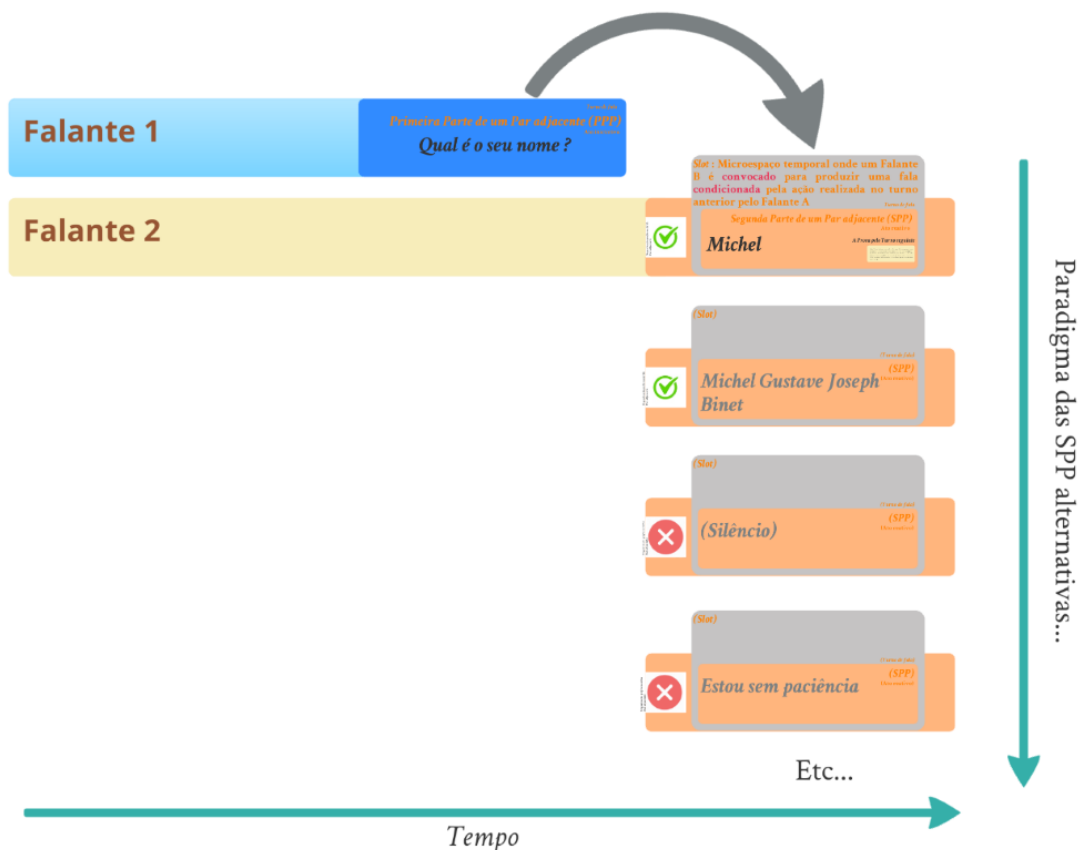
Tratar uma segunda parte despreferida de um par adjacente (SPP) como se fosse uma parte preferida (Inversão da Orga. preferencial) é um FTA fortemente ofensivo. Ex.: Recusar um convite por um « não » imediato, sem mais nem menos, sem uma pausa cheia anteposta que quebra a adjencialidade, sem nenhuma justificação.

De igual modo, tratar uma segunda parte preferida de um par adjacente (SPP) como se fosse uma parte despreferida (Inversão da Orga. preferencial) é um FTA ofensivo, embora em menor grau. Ex.: Aceitar o convite, só após ter produzido um silêncio e/ou uma pausa cheia (quebra da adjencialidade), e verbalizado algo que se assemelha a uma justificação (auto-endereçada, por exemplo, para tornar mutuamente patente que a aceitação não foi auto-evidente e que a pessoa convidada precisou de se autoconvencer para aceitar).

- A **análise contrastiva dos dois tipos de interação discriminados com base na Teoria microética** permite verificar que nas interações do segundo tipo, agonais, conflituosas, as **regras da organização em pares adjacentes mutuamente condicionadores, dotados de uma organização preferencial**, são sistematicamente violadas, em contraste com o que se observa nas interações do primeiro tipo, ritualmente equilibradas. Estamos novamente perante uma validação mútua (ou intervalidação) da Teoria microética e de um das principais Teorias microanalíticas da ACE, pela via da investigação empírica.
- Lembrete : A descoberta da **organização em pares adjacentes** permitiu aos analistas conversacionais de descobrir um novo método de consolidação e validação das **interpretações** realizadas no trabalho descritivo e analítico: **a prova pelo turno seguinte**

Sumário (redação complementar ou alternativa)

3) Terceira articulação teórica - A organização em pares adjacentes (dotados de uma organização preferencial)



3.1) A gestão da convocatória : Ignorar a convocatória que me é endereçada pelas PPP produzidas pelo meu interlocutor, me remetendo para o silêncio ou a inação, é um comportamento ofensivo, que equivale a rasgar o microcontrato de cooperação conversacional sem o qual não há interação possível.

Comportamento muito raro nas interações de 1º tipo ; muito frequente nas interações de 2º tipo.

3.2) O (in)cumprimento do princípio de relevância condicional na produção das SPP : Atender esta convocatória mas produzir SPP que violam o laço de "relevância condicional" que une, no duplo plano semântico e pragmático, PPP e SPP, pode ser um comportamento interpretado como ofensivo, que, precisamente, é realizado com esta intenção, ou seja, que é realizado com vista a ser interpretado como tal. "Desconversar" é responder a uma pergunta por outra pergunta ou dar uma resposta que não vale de boa fé como resposta à pergunta que foi colocada. Desrespeitar os laços de relevância condicional que unem PPP e SPP equivale, portanto, a destruir a conversa, a « desconversar ».

Comportamento raro nas interações de 1º tipo ; frequente nas interações de 2º tipo.

3.3) A gestão da organização preferencial de cada tipo de par adjacente : dar uma resposta despreferida como se fosse preferida (sem quebra da "adjacencialidade", sem justificação, sem pedido de desculpa) é um ato ofensivo.

Comportamento muito raro nas interações de 1º tipo ; muito frequente nas interações de 2º tipo.

08/11/2023

Instalação nos computadores dos alunos do software ELAN (gratuito), de anotação e transcrição de dados áudio ou vídeo.

08/11/2023 (troca)

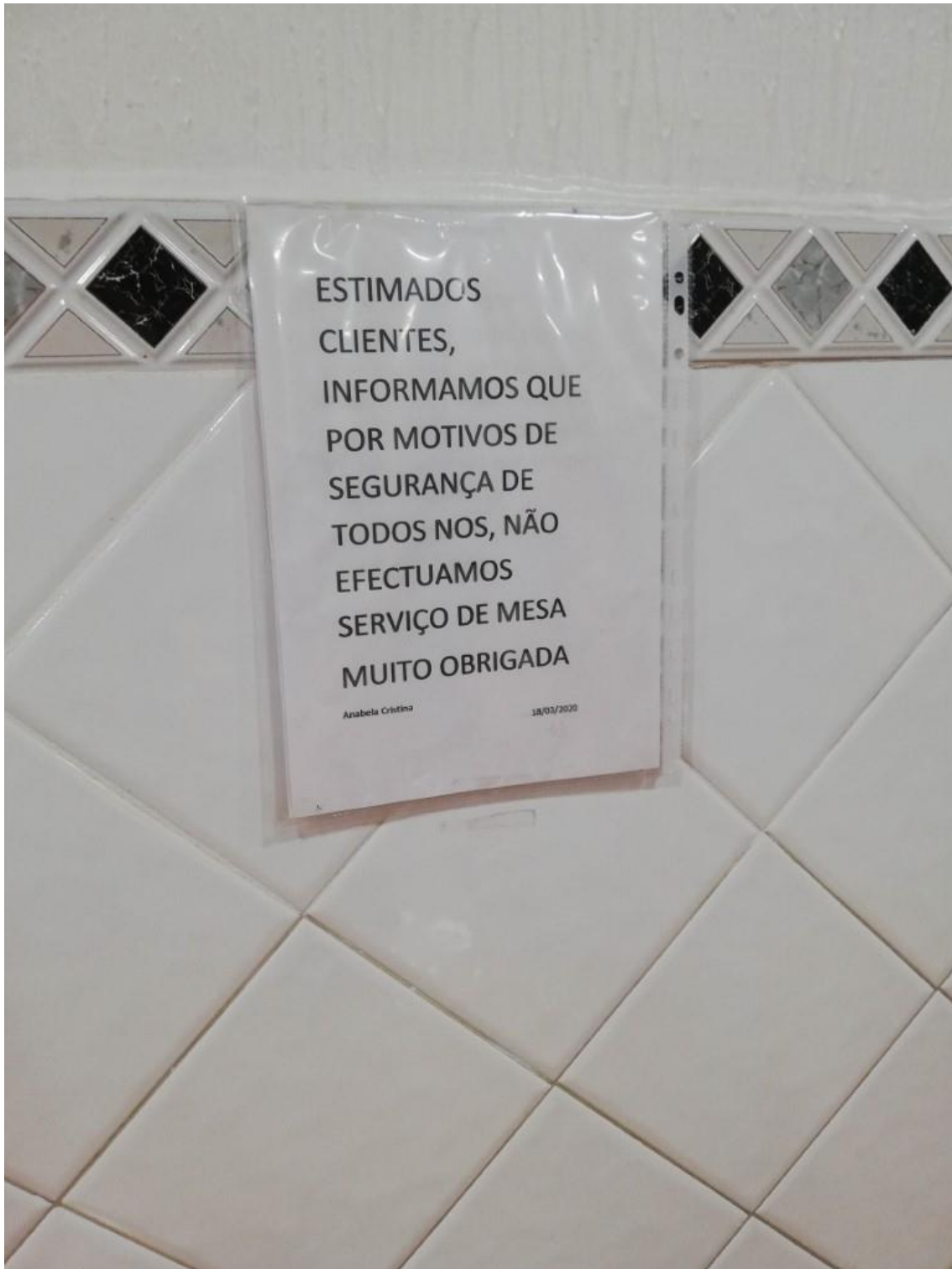
Dicas de utilização do software ELAN (gratuito) : Criar um novo « projeto » ; criar trilhas de anotação e transcrição ; ouvir ou visionar ; selecionar um episódio interacional ; abrir um campo de anotação ou transcrição temporalmente alinhado sobre o episódio previamente selecionado ; anotar ou transcrever ; salvar e encerrar a primeira sessão de trabalho ; abrir e lançar uma nova sessão de trabalho.

Orientação dos trabalhos de grupo.

14/11/2023

Pano de fundo de saberes partilhados





Os nossos quotidianos são terrenos de observação riquíssimos ! Estas duas fotografias tiradas no dia 12 de Novembro de 2023 num café (com a autorização de quem de direito), no Pinhal Novo (Portugal), são um excelente suporte para introduzir os alunos aos conceitos de « contexto-em-interação » e de « pano de fundo situado de saberes tidos implicitamente, até prova do contrário, como "obviamente" [perspectiva emica] partilhados », que desempenha um papel muito importante na economia cognitiva das nossas trocas conversacionais, bem como à *Teoria da relevância* de Dan Sperber e Dierdre Wilson.

14/11/2023

- Conceitos de « quadro interacional » e de « evento interacional »

Os quotidianos de uma organização / instituição (unidades de escala meso) são organizados por « quadros interacionais » (unidades de escala micro), localizáveis e delimitáveis por pesquisa etnográfica de terreno, geradores de « eventos interacionais » (unidades de escala micro), singulares, ou seja, ocorrendo uma vez e uma única vez na história da humanidade.

Numa universidade (unidade de escala meso), o quadro interacional *aula* gera, cada dia, dezenas ou centenas de « eventos interacionais » emicamente categorizados como « aulas ». Cada uma destas « aulas » é absolutamente única e singular. Não há duas « aulas » absolutamente idênticas.

O estudo intensivo e detalhado de uma destas « aulas » [evento interacional singular] ou de um conjunto delas [método idiográfico] permite modelizar por meio de descrições assentes em dados autênticos o *quadro interacional* que enquadra e ordena a sua geração [método nomotético].

- Conceitos de « microactor » e de « macroactor » (B. Latour / Teoria do Ator-Rede - TAR)

Os estatutos ontológicos de uns (*os microactores*) e de outros (*os macroactores*) são MUITO diferentes.

Os microactores são os sujeitos individuais, dotados cognitivamente de autoconsciência da sua existência e da sua agência ou capacidade de ação. Um microactor é capaz de pensar e experienciar deste modo a sua existência real enquanto sujeito cognitivamente autónomo. [Cf. R. Descartes : « *Penso, logo existo* »]. A vivência subjetiva de cada um, dotado de ipseidade, permite a cada um de experienciar como indubitavelmente *real* a sua existência individual.

Os macroactores, por sua vez, são entidades colectivas, cuja existência social é tornada real não por capacidade autónoma de autoconsciência (ou ipseidade) mas, sim, pelos discursos de microactores que lhes atribuem o estatuto de *enunciadores*, quer dizer, de entidades responsáveis e responsabilizáveis por discursos produzidos em seu nome, por microactores que desempenham a função de « porta-voz » de macroactores.

Sem porta-voz, função exercida sociodiscursivamente por microactores, um macroactor não tem existência social. O seu estatuto de realidade (ou estatuto ontológico) é o de uma entidade só existente num regime de heteronomia sociodiscursiva.

Um microactor que faz ouvir a voz de um macroactor realiza uma ação discursiva dita *performativa*, que faz advir à existência social um ser coletivo, que não tem existência independente destas ações discursivas que só microactores podem realizar.

15/11/2023

Práticas de escrita e empoderamento / desempoderamento dos cidadãos

Autonomia e agência de um sujeito dotado de uma voz na primeira pessoa : ser locutor e sujeito discursivo, afirmando na oralidade o seu estatuto de « Eu soberano »

Ficar "destronado" (destituído da sua agência e soberania) na e pela escrita que me remetem para um estatuto menor de « delocutor » (pessoa de que terceiros falam, na terceira pessoa), se tornando um sujeito passivo, desprovido de voz própria, na primeira pessoa, dentro de um regime de heteronomia discursiva.

Agente de controlo V/S Agente de emancipação e de mudança : as práticas de escrita e o estatuto que é atribuído aos textos escritos (os dossiês) contribuem para definir e implementar relações de poder, em benefício (empoderamento) ou em detrimento (desempoderamento) da agência de cada cidadão

«(...) on many occasions the information found in official record is accepted without question» (Zimmerman, 1969: 338). «accepting the testimony of the document over and against the testimony of the applicant» (p.338)

ZIMMERMAN, Don H. - Record-Keeping and the Intake Process in a Public Welfare Agency. In WHEELER, STANTON (Ed.) - **On Record: Files and Dossiers in American Life**. New York : Russell Sage Foundation, 1969. ISBN 0-87154-919-0. p. 319–354.

«People come to street-level bureaucracies as unique individuals with different life experience, personalities, and current circumstances. In their encounters with bureaucracies they are transformed into clients, identifiably located in a very small number of categories, treated as if, and treating themselves as if, they fit standardized definitions of units consigned to specific bureaucratic slots. The processing of people into clients, assigning them to categories for treatment by bureaucrats, and tr

eating them in terms of those categories, is a social process. Client characteristics do not exist outside of the process that gives rise to them» (Lipsky, 2010: 59).

LIPSKY, Michael - **Street-Level Bureaucracy: Dilemmas of the Individual in Public Services (1980)**. Expanded Edition ed. New York : Russell Sage Foundation, 2010.

21/11/2023

Descrição detalhada das mudanças microcomportamentais por meio das quais um interactante transita de um quadro interacional do 1º tipo para um quadro interacional de tipo 2, ou seja, por meio das quais provoca e intensifica um conflito.

A gestão interacional de um conflito em sede de atendimento social : dicas e micro-estratégias

21/11/2023

Acompanhamento de um trabalho de grupo : sessão de análise conjunta de um filme de 55 segundos (Grupo 2)

Aulas seguintes : Sessões de análise conjunta de filmes (acompanhamento dos trabalhos de grupo)

Michel Binet
Instituto Superior de Serviço Social
Universidade Lusíada
Licenciatura em Serviço Social
Unidade Curricular : Estruturas e Interação social
2º Ano curricular
Ano Letivo 2023-24